

REFLEXÕES METAFÍSICAS SOBRE O BELO E O FEIO

João Ribeiro Júnior

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

A COMUNICAÇÃO DA BELEZA

O fim a que se propõe o artista é criar beleza.

Contudo, se entendo que a beleza está na coisa, e não em minha apreciação, o que significa que a beleza tem caráter objetivo; em outros termos, as coisas não são belas porque me agradam, senão que me agradam porque são belas, ou melhor ainda, há uma vivência do belo, mas o belo não é uma vivência, de que modo cria o artista o belo? Como ele concebe a beleza?

Toda beleza reside em uma realidade; necessita uma matéria para plasmarse (quadro, estátua, poesia etc.), de outro modo não poderia ser captada pelo homem, o qual, como a psicologia nos ensina, não pode prescindir, no conhecimento, da matéria; não pode captar formas puras. Assim ocorre com a imaginação criadora ou fantasia, que trabalha sempre com elementos dados pela memória ou imaginação reprodutiva. A ficção opera sempre com realidades.

O artista, portanto, cria beleza, eliminando as imperfeições acidentais que as causas belas naturais possam ter, adicionando-lhes a beleza, que lhes competiria, mas que contingentemente não possuem, e, finalmente, dando-lhes aquela expressão artística, transcendente, e tanto mais transcendente quanto mais talentoso ou genial for o artista.

A obra de arte não é, de fato, simples imitação da natureza, como querem os naturalistas, nem simples expressão pessoal do artista, como querem os idealistas. A obra de arte é uma coisa e outra.

A arte, também, não está só na forma, como querem os materialistas, nem só no fundo, como querem os espiritualistas. A arte está na forma e no fundo. Se só houver beleza no fundo ou só na forma, não se poderá dizer que há arte.

A arte não é ainda simplesmente individual ou social. Ela é uma coisa e outra. É individual, porque é o produto do que há de pessoal no artista e tem efeitos diferentes em cada contemplador. É social, porque tanto o artista como os contempladores não podem estar absolutamente

ilesos da influência do pensamento político, social, religioso etc., da época e da coletividade.

A BELEZA NEGATIVA: O FEIO

Sabe-se que quanto à beleza ôntica, transcendental, metafísica, e mesmo quanto à beleza concreta, predicamental, física (no que tem de substancial, essencial, absoluto, necessário), parece não haver dificuldade em se admitir que não possa, jamais, ser negativa ou nula.

Todo o ser é verdadeiro ontologicamente falando. Daí, por necessidade absoluta, todo o ser é belo.

A beleza confunde-se, assim, com o próprio ser. A beleza é transcendental, isto é, todo o ser enquanto ser, todo o ser como ser, é sempre belo e tanto mais belo quanto maior entidade tiver.

Contudo, o ser tomado não na sua transcendentalidade absoluta, porém predicamental, fisicamente, no seu modo específico de existir, também é verdadeiro onticamente, logo também é belo.

Substâncias feias, essências feias, seres atingidos de fealdade, não num ou noutro acidente (por qualquer motivo contingente), mas na sua própria substância, na sua própria essência, no mais íntimo da sua onticidade, seria a destruição das próprias substâncias, das próprias essências, do próprio ser.

Entendo que o feio metafísico e o feio físico essencial é o impossível absoluto, é um absurdo essencial.

O nada, também não se pode dizer que seja feio, pois o nada não é nada; não se pode, portanto, afirmar nada dele, mas apenas negar e negar tudo.

Não obstante, isto não impede que, por qualquer fato contingente, os seres apareçam acidentalmente feios, ou com uma beleza acidental não perfeitamente correspondente à beleza essencial, ou seja, sem a devida beleza acidental.

Isto nada mais é do que o resultado dos seres serem limitados necessariamente.

De fato, a harmonia essencial, se transparece necessariamente (necessidade condicionada) nas propriedades (quantidade e qualidade); não transparece, com essa necessidade, nas notas individuantes e nos fatos contingentes.

É da própria essência (Essência é o que uma coisa é; tomada em si mesma, em absoluto, e independente do modo como as condições existenciais a apresentam. Por isso, tudo tem essência, infalivelmente. Não

são só as substâncias que têm essência, mas também os acidentes. A essência de acidente é só poder existir em ato, sem qualquer relação absoluta com o ente suporte, isto é, a substância, pois desse modo confundir-se-ia com ela) — do accidental ser contingente e não necessário, e é da própria essência dos seres limitados só poderem existir e operar contingentemente e, portanto, por meio de acidentes. Nada repugna a existência de graus negativos de beleza accidental. A inteligência diz-nos que são possíveis e a experiência, talvez, nos diga que existem de fato.

É preciso não confundir os graus negativos com os graus positivos que não são por nós conhecidos por lhes faltar aquele mínimo de compatibilidade com as faculdades estéticas. Quantas coisas, de fato, que seriam consideradas belas, se nós a víssemos menos ou mais. Não se trata aqui de negatividade em relação ao sujeito cognoscente, mas em relação ao objeto.

É o que acontece quando não há verdade predicamental, física, já que transcendentemente há sempre verdade.

Verdade é o elemento material da beleza predicamental. Assim, transcendentemente, verdade e beleza confundem-se. A verdade pode ser transcendental e predicamental. A primeira é a ontologia dos seres naturais. A segunda pode ser objetiva e subjetiva; objetiva é a verdade ontológica dos seres naturais (fisicamente considerados), que pode ser essencial e accidental, e a verdade ontológica dos objetos. Subjetiva é a verdade lógica e a moral.

Em direção oposta a isto, têm-se a verdade ôntica, lógica e moral, podendo ser a primeira metafísica ou física, e podendo a física ser ainda natural (essencial ou accidental) e artificial. A lógica e a moral são sempre físicas (ou predicamental).

De fato, quando não há harmonia entre o livre arbítrio e a lei moral, isto é, quando não há verdade moral no mais amplo sentido, não pode haver beleza moral.

Quando não há adequação do pensamento à realidade (falta de verdade lógica), também não há beleza sob o aspecto intelectual ou científico no seu mais amplo significado.

Quando não há harmonia, por pequena que seja, entre um acidente e a sua substância (falta de verdade ôntica accidental, como, por exemplo, cegueira total e não apenas deficiência de vista), também não há, nesse ponto, beleza accidental.

Quando uma obra de arte não corresponde ao pensamento do artista (falta de verdade ôntica do objeto), também não há beleza, senão accidentalmente.

É claro que, incidentalmente, o artista pode fazer uma obra ainda mais perfeita quando não é fiel à causa exemplar, mas isso não é de **per si**, não é uma consequência necessária da sua infidelidade.

Finalmente, não haverá beleza nas concepções e fantasias se aquelas não forem realizáveis, e se estas não tiverem um mínimo de harmonia; o que afinal são mais dois aspectos da verdade lógica, amplamente considerada.

Em resumo e esclarecendo: Feio absoluto é absurdo. Feio relativo pode existir e existe, de fato, sempre que os acidentes não possuem um mínimo de harmonia com a substância que permita o belo manifestar-se. Em outros termos: perante o absoluto, o feio acidental (e se é acidental é relativo) é simples limitação; perante o que é devido a cada natureza é que pertence à escala negativa de beleza.

Esta relatividade refere-se ao objeto e não às faculdades do sujeito. Não se trata dos graus que estas não alcançam. Trata-se dos graus que ficam abaixo do que é devido a cada natureza. Onticamente é limitação, mas relativamente a essa natureza, é negatividade.

O acidente, portanto, que não deixa transparecer nada de beleza essencial é feio, isto é, fica abaixo de zero; por zero, o nulo ou neutro não se conceberia. O acidente ou deixa transparecer o belo e é de beleza positiva, e de grau tão mais elevado quanto mais deixar transparecer esse belo ou não deixa transparecer e é de beleza negativa, então mais negativa quanto mais se afastar desse mínimo de harmonia com a forma substancial que a permita manifestar-se na forma acidental.

O neutro não se concebe. O acidente ou é belo ou é feio. Dentro de cada uma destas partes da escala é que a gradação é indefinida. Para baixo, porque é sempre possível uma fealdade mais intensa; para cima, porque é sempre possível a forma acidental ser muito mais bela, sem nunca identificar-se, porém, à beleza essencial.

As essências criadas não deixam a beleza transcendental manifestar-se plenamente. Aqui, por sua vez, a existência, com os seus próprios e acidentes, não deixa a beleza substancial manifestar-se na totalidade, e o feio se manifesta.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A beleza não é só o próprio uno, mas é ainda a verdade. O ente transcendental, o ente como ente tem um atributo absoluto que se confunde com ele próprio: o **uno**. Mas, se em vez de se considerar o transcendental em si mesmo, se considera em relação à faculdade cognoscitiva, então, encontramos outro atributo: a **verdade**.

Em existindo uma coerência ôntica, segue-se que todo o ser é adequado ao conhecimento. Eis por que a beleza também resulta da verdade. Toda beleza é cognoscível, e toda a faculdade de conhecimento tende naturalmente para ela. Naturalmente, porque, se na inteligência há uma inclinação natural para a verdade, também existe uma inclinação, por meio desta, para a beleza. Verdade e beleza confundem-se no transcendental.

Se, transcendentalmente, toda a verdade é bela, nas concretizações predicamentais há verdades não belas (feias). É evidente que verdade como verdade é sempre bela, mas tal ou tal verdade, isto dá-se ou pode dar-se no que tem de accidental os seres naturais e no que tem de artificial a obra de arte, é que pode não ser bela (feia).

Não é, portanto, uma negação do princípio, mas uma distinção elementar para evitar conclusões precipitadas.

Também todo o ser como ser é verdadeiro, mas tal ou tal ser pode não o ser. Mas, o que se não pode converter predicamentalmente, converte-se transcendentalmente. Assim, **toda a verdade é bela e toda beleza é verdadeira.**

Tomada em si mesma, a beleza é una; tomada em relação à inteligência, a beleza é verdadeira. Não há unidade e verdade, porque há beleza; porém há beleza, porque há unidade e verdade.

Unidade e verdade (e, portanto, também beleza) existem, todavia, porque o ser existe. Em outras palavras: embora o transcendental seja um só e nele tudo se confunda, nós, como só pensamos por aspectos, podemos estabelecer certas prioridades lógicas com fundamento na realidade. E assim teremos: Ser é uno e verdadeiro e, por isso, belo.

Em suma, há beleza, porque há unidade e verdade, e há unidade e verdade porque há Ser.